



POR MOVIMENTOS LGBTQIA+ E FEMINISTAS ONDE **TODOS OS CORPOS IMPORTEM**

A NTP - não te prives: Grupo de Defesa dos Direitos Sexuais organizará brevemente uma “febrada”, fazendo, assim, uso dos corpos dxs animais não-humanxs, que acolhe como mercadorias ou bens de consumo, para angariar uns tostões. Em tom de gáudio, a NTP - não te prives convida-nos a degustar os corpos decompostos e anonimizados de animais não-humanxs, daquelxs que constituem o *Outro*, daqueles que não *importam*.

O consumo de “carne” implica o exercício de uma violência estrutural sobre xs animais não-humanxs que, enquanto seres sencientes, sentem dor e possuem o desejo de não morrer e de ter uma vida que xs permita desenvolver as actividades da sua espécie. No contexto do capitalismo neoliberal, mais de 53 mil milhões de animais terrestres são mortos com vista à produção de “carne”*; a este número acrescem os animais aquáticos, cujas mortes são quase impossíveis de contabilizar.

No entanto, esta violência e opressão sistémica continua a ser legitimada por três eixos de validação - o do *normal*, do *natural* e do *necessário*. Estes paradigmas, que serão muito familiares para quem se encontra nos movimentos LGBTQIA+ e feministas, definem e fixam os *livable bodies* e punem a(s) dissidência(s), escondendo, através de um processo de naturalização, a produção disciplinária dos sujeitos e relações de poder.

Tanto o consumo de carne como a heterossexualidade são instituídos como *necessários* para a sobrevivência e a reprodução da espécie humana, mas servem tão-só os interesses do *Homem* (no sentido antropocêntrico), do cisheteropatriarcado e do capital. Animais não-humanxs, mulheres, lésbicas, pessoas intersexo, trans e queers experienciam a violência estrutural sobre os seus corpos. O dismantelamento do cisheteropatriarcado apenas é possível se endereçarmos não só os seus sintomas, mas também os pilares em que assenta. Um desses pilares é, justamente, a hierarquia das vidas e dos corpos que *importam* e a suposta legitimidade do grupo dominante para dispor e controlar as vidas e os corpos daquelxs que não possuem as mesmas características (físicas, comportamentais, materiais, intelectuais, identitárias, etc.).

Nos últimos anos, assistimos à expansão dos movimentos feminista e LGBTQIA+, cuja abordagem dominante é a interseccionalidade. Contudo, determinadas intersecções são visibilizadas no seio destes movimentos em detrimento de outras, consideradas menos importantes. O especismo - isto é, a discriminação e opressão dxs animais em função da sua espécie, perpetuadas por um conjunto de instituições materiais, práticas sociais e discursos culturais - é um dos eixos fundamentais de uma abordagem interseccional, mas tende a ser sistematicamente ignorado.

Neste sentido, perguntamos:

- Por onde pairam os discursos da auto-determinação dos corpos, das subjectividades e da(s) agência(s) quando trilhamos a “carne” e roemos os ossos das vítimas do especismo? Valer-nos-á aqui o essencialismo biológico?
- O que é que faremos com as críticas feministas e queer ao pensamento binário (e.g., masculino-feminino, homossexual-heterossexual, humano-animal, cultura-natureza) e à lógica de dominação que lhe subjaz?
- Quais são os limites do grito *o pessoal é político*?
- Porque é que a manutenção da violência estrutural, como a chacina dxs animais não-humanos e a ingestão dos seus corpos em nome do palato, é acolhida como um exercício da autonomia individual e da liberdade de escolha? Onde ficam as críticas ao *privilégio* e às *normatividades*?
- Por que razão é que, no caso das relações inter-espécies, a *diferença* é sinónimo de *lacuna* ou *defeito* (e não de *diversidade*)?
- Como justificar o *double standard* em relação aos corpos que *importam*?
- Como conciliar a praxis feminista e queer com ideologias violentas como o especismo?

Todas as opressões exigem resistência política. O (anti-)especismo impõe-se, pois, nas lutas interseccionais. Desde os nossos múltiplos lugares de enunciação, nós - as feministas, as veganxs, as fufas, as bissexuais, as queers, as heteras, as galdérias, as antifa, as não-monogâmicas e as libertárias - daremos o nosso contributo.

“Feminista, irmã, vem à nossa febrada!”

Febrada? Mas que febrada?

A do patriarcado, do capitalismo, da vida privada?

A febrada da vida do corpo de uma porca mutilada?

A febrada de quem vive no fundo do poço?

E morre com facas e cigarros cravados no pescoço?

A febrada das febras a quem partiram as faces?

Que nunca tiveram nome que não rótulos e partes?

A febrada de mil úteros por mil vezes violados?

Para que os pratos de um feminismo saiam abençoados?

Feminista, irmã, que Não Te Prives desta opressora aberração
merece ao teu convite um boicote e um revolucionário N ã O!

*O vocábulo “carne” corresponde aqui à matéria corpórea dxs seres sencientes (humanxs e não-humanxs), e não às designações gastronómicas comumente utilizadas para afastar os reminders da violência especista.